

16-17  
MAIO  
2019

VII Jornada de

# ESTUDOS CLÁSSICOS

da Universidade Federal do Espírito Santo

**Tradução & Recepção**

**CADERNO DE RESUMOS**

# PROGRAMAÇÃO

16 DE MAIO DE 2019

18H – 19H | CREDENCIAMENTO (Auditório do CCHN, IC2)

19H – 20H30 | SESSÃO E CONFERÊNCIAS DE ABERTURA (Auditório do CCHN, IC2)

- Homens da raça de ferro no sertão de João Guimarães Rosa  
Profa. Dra. Lorena Lopes da Costa (Ufopa)
- 'Nos Ancêtres les Gaulois': da construção do adágio republicano à instrumentalização da história da Gália e dos gauleses pela extrema direita francesa  
Prof. Dr. Glaydson José da Silva (Unifesp)

17 DE MAIO DE 2019

9H30 – 11H30 | MESA REDONDA (Auditório do CCHN, IC2)

- Tradução e hermenêutica: sobre a organização de uma antologia de poesia arcaica  
Prof. Dr. Rafael de Carvalho Matiello Brunhara (UFRGS)
- A carta-prefácio da 'Utopia': encenação textual de uma arte poética  
Profa. Dra. Ana Cláudia Romano Ribeiro (Unifesp)
- O teatro de Plauto: traduzindo para a plateia?  
Prof. Dr. Beethoven Barreto Álvarez (UFF – Coordenador)

## 13H30 – 15H | MESAS DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS

### Mesa 01 (Sala 102, no prédio Wallace Corradi)

- “As Musas de Heródoto foram o Ramayana da Hélade”: o helenismo de Friedrich Max Müller  
Matheus Vargas de Souza (Mestrando / Unirio)
- Pastiche clássico e feminismo pós-moderno em ‘Xena, a Princesa Guerreira’  
Juliana Bastos Marques (Doutora / Unirio)
- Recepção do ritmo e da função poética do metro clássico: o caso das ‘Odes e elegias’, de Magalhães de Azeredo  
Rafael Trindade dos Santos (Mestre / Ufes)
- Análise do ‘éthos’ de Otávio na série ‘Rome’ (HBO, 2005–2007)  
Camilla Ferreira Paulino da Silva (Doutora / SEDU – Coordenadora)

### Mesa 02 (Sala 103, no prédio Wallace Corradi)

- O clássico no clássico: recepção e intertexto entre ‘Heroides’ e ‘Metamorfoses’ de Ovídio  
Fabrizia Nicoli Dias (Iniciação Científica / Ufes)
- A tradução da ‘Eneida’ de Carlos Alberto Nunes na perspectiva da linguagem poética  
Francisca Tânia Almeida Colares (Mestre / UECE)
- As influências da poesia pastoral nas ‘Dionisiacas’ de Nono de Panópolis  
Paulo Henrique Oliveira de Lima (Doutorando / Usp)
- Aspectos da presença ovidiana na Idade Média  
Mônica Costa Vitorino (Doutora / UFMG – Coordenadora)

### Mesa 03 (Sala 113, no prédio Bárbara Weinberg)

- Shackleton Bailey e a problemática de sua tradução do exílio de Cícero  
Alessandro Carvalho da Silva Oliveira (Mestrando / Ufes)
- Língua e recepção: o caso de uelim + subj. em um comentário às ‘Filípicas’, de Cícero  
Alex Mazzanti Júnior (Doutorando / Usp)
- A recepção da ‘gratiarum actio’ de Plínio pelo panegírico de Pacato Drepânio  
como forma de consolidação de um gênero laudatório imperial  
Kátia Regina Giesen (Doutoranda / Ufes)
- A concepção e a recepção do modelo tradutológico de Cícero  
Marly de Bari Matos (Doutora / Usp – Coordenadora)

## 15H – 16H30 | MESAS DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS

### Mesa 04 (Sala 102, no prédio Wallace Corradi)

- O ser e o 'lógos' no 'Tratado do não-ser' do Górgias de Leontini  
Daniela Brinati Furtado (Mestranda / UFJF)
- O leitor e o gênero epistolar no livro II das 'Epístolas Morais' de Lúcio Aneu Sêneca  
Ana Azevedo Bezerra Felício (Mestranda / Unicamp)
- Algumas considerações acerca da recepção de Aristóteles no 'De secretis mulierum'  
Laila Lua Pissinati (Mestranda / Ufes)
- Aristóteles e Alexandre de Afrodísias: voluntariedade, escolha deliberada e aquilo que está em nosso poder  
Dionatan Acosta Tissot (Doutorando / Usp – Coordenador)

### Mesa 05 (Sala 103, no prédio Wallace Corradi)

- Mulheres Travestidas: do Parlamento de Aristófanes ao Sertão das Gerais de Rosa  
Edinaura Linhares Ferreira Lima (Mestranda / UFC)
- 'Cantáteis': a poesia nordestina com um pé na elegia latina  
Sonia Aparecida dos Santos (Doutoranda / Unicamp)
- 'Medea Fracta': gêneros literários na tragédia 'Medeia' de Sêneca  
Gabriele Oliveira Rodrigues (Iniciação Científica / UFRJ)
- Da Grécia ao Brasil: Medeia (re)conta sua História  
Orlando Luiz de Araújo (Doutor / UFC – Coordenador)

### Mesa 06 (Sala 113, no prédio Bárbara Weinberg)

- Horácio na aurora da literatura russa  
Rafael Nogueira de Carvalho Frate (Doutorando / Usp)
- 'Libertas' nas sátiras de Pérsio e Horácio  
Marihá Barbosa e Castro (Doutoranda / Ufes)
- Peludos e depilados: masculinidades romanas em Marcial e Juvenal  
Diogo Moraes Leite (Mestre / Usp)
- Nem bronze, nem mármore: a imortalidade do monumento poético como estratégia encomiástica na lírica tardo-arcaica grega e imperial romana  
Natan Henrique Taveira Baptista (Doutorando / Ufes – Coordenador)

## 17H – 19H | MESAS DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS

### Mesa 07 (Sala 102, no prédio Wallace Corradi)

- A insônia como tema nas silvas de Estácio (Silu. 5.4) e Quevedo (Silva Segunda)  
Luiza Helena Rodrigues de Abreu Carvalho (Doutoranda / Ufes)
- 'Vt pictura amores': a imagem de Eros e sua emulação entre os pintores humanistas,  
Etiene Martins Lage Duarte (Iniciação Científica / Ufop)
- A Antiguidade Clássica e a imagem da Monarquia como defensora da Cristandade na Espanha do século XVI: considerações sobre a valorização da tradição clássica latina e cristã em José de Sigüenza (1544-1606) e Luis Cabrera de Córdoba (1559-1623)  
Camila Cristina Souza Lima (Doutora / UNIP)
- A Crisis Segunda do Criticón' (1651) e 'El gran teatro del mundo' (1655): o 'Theatrum mundi' na novela de Gracián e no auto sacramental de Calderón  
Gustavo Luiz Nunes Borghi (Doutorando / Usp)
- Recepção e atualização do texto antigo: Leonardo e o homem vitruviano  
Júlio César Vitorino (Doutor / UFMG – Coordenador)

### Mesa 08 (Sala 103, no prédio Wallace Corradi)

- 'Samson Agonistes': as correntes que prendem um mito  
Flávia Araripe (Iniciação Científica / UFF)
- O republicanismo clássico na formação de uma Cultura Política na Revolução Americana (1775-1783): possibilidades e perspectivas de abordagem  
Julio Morquetti Neto (Mestrando / Ufes)
- 'Lector studiosus': o leitor implícito das 'Metamorfoses' de Apuleio e seus efeitos  
Rayana da Costa Teles Barreto (Mestrando / Unicamp)
- O 'Satyricon' de Petrónio traduzido para o português do Brasil: Uma análise das notas do tradutor  
Lívia Mendes Pereira (Doutoranda / Unicamp – Coordenadora)

### Mesa 09 (Sala 113, no prédio Bárbara Weinberg)

- 'Heautontimorumenos': um prólogo em dodecassílabos  
Heloize Moreira Fortunato (Iniciação Científica / UFF)

- Os septenários da 'Asinária': uma tradução em versos  
Renan de Castro Rodriguez (Mestrando / UFF)
- O estilo de Ésquilo e Eurípides representado nas traduções das 'Rãs' de Aristófanes  
Marina Dornelles Ferreira (Iniciação Científica / Ufop)
- Tradução de 'A Paz' de Aristófanes do grego clássico para o cearense matuto  
Manuela Maria Campos Sales (Mestranda / UFC)
- Traduzindo a oralidade do grego clássico para o cearensês em 'A Paz' de Aristófanes  
Ana Maria César Pompeu (Doutora / UFC – Coordenadora)

#### Mesa 10 (Sala 304, no prédio Bárbara Weinberg)

- 'Argonáutica da cavalaria ou Leomundo de Grécia', de Tristão Gomes de Castro:  
um diálogo com a tradição clássica na Literatura Portuguesa  
Letícia Raiane dos Santos (Doutoranda / UFPE)
- Entre manuscritos e impressos do 'Corpus Cypriani':  
a recepção das obras de Cipriano de Cartago e suas possibilidades de pesquisa  
Carolline da Silva Soares (Doutora / Ufes)
- A recepção da 'ékphrasis' retórica na sermonística de Antonio Vieira  
Barbara Faria Tófoli (Iniciação Científica / Ufes)
- Retórica clássica, arte poética medieval e sátira trovadoresca em diálogo: 'poetriae' para um entençar  
Fernanda Scopel Falcão (Doutora / Ufes – Coordenadora)

#### 19H – 21H | MESA DE CONFERÊNCIAS E ENCERRAMENTO (Auditório do CCHN, IC2)

- A tradução como expressão da possibilidade de compreender mundos que não são meus  
Prof. Dr. Augusto Bruno de Carvalho Dias Leite (Ufes)
- Tradução e a instabilidade da recepção  
Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves (UFPR)
- 'Metamorfoses' uma vez mais  
Prof. Dr. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho (Ufes – Coordenador)

# R E S U M O S

Alessandro Carvalho da Silva Oliveira, mestrado em andamento (Ufes)

## Shackleton Bailey e a problemática de sua tradução do exílio de Cícero

Nos propomos a analisar, a partir da comparação com o texto original, as consequências das escolhas de tradução de David Roy Shackleton Bailey na interpretação dos comentários de Cícero sobre seu exílio. O banimento do orador é descrito de forma cuidadosa no texto latino com o objetivo de não o qualificar como um indivíduo culpado por algum crime, mas como um injustiçado perante aos verdadeiros criminosos de Roma (seus inimigos). Observamos esse fato a partir do raro uso das palavras *exsul*, *exsilium* ou *exsulo* – termos que o autor frequentemente utiliza em outros contextos – mas quando se refere ao próprio banimento, utiliza palavras que não carregam um tom jurídico. A tradução das cartas do orador, no entanto, raramente são bem sucedidas em reproduzir esse cuidado em língua vernácula, como podemos observar nas tradicionais cartas traduzidas por Bailey (*Fam.* 5.12.4; 15.13.2), nas quais em latim está escrito *reditum nostrum* (meu retorno), enquanto em inglês está traduzido como *my return from exile*. Apesar do vasto uso da tradução de Bailey, ao buscarmos nas obras de Antoine Berman (2008) uma reflexão acerca das deformações cometidas pelos tradutores, observamos que o tema do exílio nos livros da LOEB foi distorcido, às vezes tornando um texto que originalmente apresentava obscuridade e polissemia em uma clarificada e monossêmica obra, gerando empobrecimento interpretativo desta.

Alex Mazzanti Júnior, doutorado em andamento (Usp)

## Língua e recepção: o caso de *uelim* + subj. em um comentário às *Filípicas*, de Cícero

Ao se deparar com um texto antigo, leitores frequentemente recorrem a comentários, os quais teriam a função de oferecer conhecimento suplementar, auxiliando (e mediando) a interpretação. Assim, eles ajudam o leitor a completar lacunas que ele possa julgar ter em relação à história, à tradição, à recepção, interpretação e uso do texto por autores antigos e também em relação a aspectos linguísticos que podem gerar dúvida ou hesitação no leitor. A construção de *uelim* + subjuntivo não mediado por *ut* é objeto do comentário de Ramsey (2003) à *Filípica I* de Cícero. Seguindo Gildersleeve & Lodge (1903), ele afirma que a ausência de *ut* torna o desejo mais enfático. Uma análise focada nos dados disponíveis nos revela que, nas cartas de Cícero, 98% dos exemplares de *uelim* + subjuntivo são sem a conjunção, e, nas obras filosóficas e discursos, 15 exemplares são sem a conjunção e nenhum com ela. Do ponto de vista da linguística, a ausência da conjunção é a forma não

marcada e, portanto, não enfática. O leitor, assim, pode ser levado a caminhos diversos, a partir da disputa, própria do processo histórico, por critérios de validação que vão ou não ser considerados em um comentário.

Ana Azevedo Bezerra Felício, mestrado em andamento (Unicamp)

#### O leitor e o gênero epistolar no livro II das *Epístolas Morais* de Lúcio Aneu Sêneca

Nossa comunicação visa apresentar uma das questões levantadas em nossa pesquisa de Mestrado sobre a imagem do leitor no livro II das *Epístolas Morais* de Lúcio Aneu Sêneca. A investigação como um todo propõe-se a estudar uma instância especial de recepção da obra: a imagem de destinatário presente nas cartas endereçadas a Lucílio Júnior, bem como a concepção de leitor ideal e de leitura dali inferível. Trataremos nesta ocasião do modo como a recepção do gênero epistolográfico influi na interpretação da obra senequiana e do papel que nela tem o leitor. Na história da leitura das cartas, vemos, por exemplo, que, para dar autoridade ao gênero ensaístico em que sua obra se inseria, Francis Bacon (1612) aproxima-a das cartas a Lucílio e traça uma longa tradição de tradução e leitura das *Epístolas* como ensaios (BOYD, 1867). Embora a importância da forma especificamente epistolar para os fins da obra senequiana venha sendo modernamente reconhecida (ALTMAN, 1982; BRAREN, 1989; WILSON, 2001; SCHAFER, 2011), nesta comunicação pretendemos aprofundar a discussão, direcionando-a para a imagem do leitor no *corpus* em apreço e observando alguns aspectos da história da recepção desse gênero textual.

Ana Cláudia Romano Ribeiro, doutorado (Unifesp)

#### A carta-prefácio da *Utopia*: encenação textual de uma arte poética

A carta-prefácio que Thomas More endereça a Pieter Gillis talvez seja o paratexto mais publicado nas edições da *Utopia*, brasileiras ou estrangeiras. Ela precede o grande diálogo dos livros I e II que trazem, respectivamente, uma discussão sobre o funcionamento das instituições políticas, sociais e econômicas da Inglaterra quinhentista e em seguida e em contraponto, a descrição da paradoxal república utopiana feita por um narrador igualmente paradoxal, Rafael Hitlodeu, o marinheiro-filósofo português. Esta carta-prefácio, como já mostrou McCutcheon, também pode ser lida como um guia poético e hermenêutico da *Utopia*, uma *ars poetica* participando de uma estética do engano honesto que se funda no paradoxo e visa “exercitar a mente, a imaginação e o senso moral do leitor” (1983, p. 5). Os temas centrais desta carta – o escritor/transcritor do relato, sua relação com o texto, o estilo de sua escrita, o teor da narrativa, o leitor e seus parâmetros – seguem a noção renascentista de decoro. Ficcionalizados na forma de uma encenação textual, eles tornam-se ferramenta retórica eficiente por exercitarem a imaginação com um humor sagaz e agudo. Parte de um projeto editorial concebido por More, Erasmo e Gillis e expresso nas quatro primeiras edições da *Utopia*, a carta-prefácio é uma das peças de um conjunto constituído pelos demais paratextos dessas primeiras publicações. Reunidos, os paratextos, o livro I e o livro II propiciam uma “dinâmica de

leitura muito particular, muito mais paradoxal, dialógica e até mesmo utópica” relacionada a uma “concepção dialógica do livro e do homem” (VALLÉE, 2013, p. 2). É esta carta-prefácio que apresento aqui, cotejando traduções e propondo uma nova versão que leve em conta a estética expressa na letra da *Utopia*.

Ana Maria César Pompeu, doutorado (UFC)

#### Traduzindo a oralidade do grego clássico para o cearensês em *A Paz* de Aristófanes

Traduzimos, com o Grupo de Estudos da Comédia Aristofânica – GECA, a peça *A Paz*, do grego para a linguagem matuta cearense, o Cearensês. O texto grego primeiro foi traduzido da forma mais literal possível, cotejando outras traduções da peça em português (a de Maria de Fátima Silva, 1989, em Portugal, as dissertações de mestrado de Greice Drumond, UFRJ, 2002, e Marcos Cardoso Gomes, USP, 1984, no Brasil). A seguir, retraduzimos ou traduzimos dentro da mesma língua, do português formal para a linguagem matuta, que mais se aproxima da linguagem oral do cotidiano, a precisão do verso grego bem como a expressividade e a musicalidade das palavras e expressões. Tal processo nos proporcionou um entendimento muito mais aprofundado da língua e da cultura grega, além de uma maior conscientização da nossa própria cultura e modo de falar, quando buscamos as diversas expressões regionais mais antigas ou mais recentes e o seu contexto dentro do texto aristofânico. Demonstraremos parte do resultado do nosso trabalho de tradução de *A Paz* de Aristófanes para o Cearensês.

Augusto Bruno de Carvalho Dias Leite, doutorado (Ufes)

#### A tradução como expressão da possibilidade de compreender mundos que não são meus

Partindo do princípio que o ser que pode ser compreendido é linguagem, ou seja, a hermenêutica é um aspecto universal da filosofia e não somente a base metodológica das chamadas ciências do espírito, proponho uma meditação sobre as teorias da linguagem e da tradução que podem ser resumidas na seguinte citação da obra *Verdade e Método*, de Hans-Georg Gadamer: “A linguisticidade da experiência humana do mundo proporciona um horizonte mais amplo à nossa análise da experiência hermenêutica. [...] O mundo linguístico próprio, em que se vive, não é uma barreira que impede todo conhecimento do ser em si, mas abarca fundamentalmente tudo aquilo a que pode expandir-se e elevar-se a nossa percepção”.

Barbara Faria Tófoli, graduação em andamento (Ufes)

#### A recepção da *ékphrasis* retórica na sermônica de Antonio Vieira

Busca-se entender os diversos sentidos atribuídos à éfrase, além de analisar seu uso, como recurso linguístico, em alguns sermões do jesuíta Antonio Vieira, cujo discurso, delineado pela Retórica, serve-se da éfrase para legitimar ou construir

uma argumentação. Diante disso, primeiramente, são apresentadas algumas noções vinculadas à Recepção dos Clássicos, assim como à Retórica Antiga, para que, então, sejam discutidas definições vinculadas à éfrase. A análise consistirá em delimitação e discussão de trechos efrásticos presentes no *Sermão de Santo Inácio* (1669) e no *Sermão de Santo Antônio (aos Peixes)* (1654) a fim de que, nesses, a éfrase seja associada ao caráter retórico presente nos escritos do autor.

Beethoven Barreto Álvarez, doutorado (UFF)

### O teatro de Plauto: traduzindo para a plateia?

O teatro de Plauto (254-184 a.C.) possuía forte apelo popular e sua encenação pressupôs grande conexão com o público. Embora a biografia de Plauto seja pouco confiável, os dados que dela se extraem demonstram um autor que conhecia o povo. Enredo, personagens, modo de performance, tudo aponta para a vida cotidiana. Contudo, as comédias de Plauto não eram, por isso, práticas artísticas simplificadas ou faltas de elaboração literária. A linguagem ou, na verdade, o uso expressivo da linguagem em Plauto são marcas de um burilo técnico que unia discurso coloquial, fórmulas religiosas e expressões jurídicas, palavras arcaicas e pouco usadas, neologismos e modos de dizer estrangeirizados, e uma linguagem altamente estilizada – tudo isso em verso, na verdade, em vários tipos de verso e quase sempre com música! Qualquer tentativa de tradução desse texto, mesmo que se busque captar equivalentes recursos expressivos, não conseguirá (nem pode se propor a) reproduzir seu ambiente de performance e seu significado social e religioso. Por outro lado, qualquer tentativa de tradução de Plauto será bem-sucedida, a meu ver, se conseguir trazer um pouco do humor e inventividade (em termos de conteúdo e ritmo) de Plauto para o leitor/espectador moderno e, ao mesmo tempo, transportar esse leitor/espectador para um Roma desconhecida. Mas como? A resposta é espinhosa. Na expectativa de contribuir com o debate em torno desse tema, nessa fala apresentarei algumas traduções de trechos da comédia *Poenulus* (“O Punicozinho”) para discutir as possibilidades de utilização de um sistema de equivalência métrico para recriar em português (alguns dos) inúmeros ritmos plautinos e as capacidades dessa tradução poder ou não se destinar à encenação.

Camila Cristina Souza Lima, doutorado (UNIP)

### A Antiguidade Clássica e a imagem da Monarquia como defensora da Cristandade na Espanha do século XVI:

considerações sobre a valorização da tradição clássica latina e cristã em  
José de Sigüenza (1544-1606) e Luis Cabrera de Córdoba (1559-1623)

A arquitetura régia e religiosa edificada na Espanha ao longo do século XVI realizava-se segundo o que era chamado na época de ‘arquitetura moderna’ (gótica), ainda que a arquitetura ‘à antiga’ (renascentista) já tivesse exemplares nesse território. As escolhas dos artífices e seus comitentes por uma ou outra forma de edificação revelava intenções discursivas específicas, sendo que a arquitetura moderna (gótica) indicava, entre outras coisas, o pertencimento à Cristandade. Conforme

a influência da arquitetura realizada pelo papado crescia nos reinos ibéricos, as soluções 'à antiga' passaram a valorizar também a antiguidade cristã, aliando em seu discurso o exemplo do passado imperial romano juntamente com a memória dos reis da Jerusalém antiga. Nessa comunicação trataremos sobre o Monastério de San Lorenzo El Real del Escorial, edificado para Felipe II (1527-1598), nas palavras dos dois principais propagadores de sua memória, José de Sigüenza (1544-1606) e Luis Cabrera e Córdoba (1559-1623). Nesses autores e nas soluções do edifício percebemos o esforço de aliar a tradição clássica à cristã e de expressar a imagem de um império cujo poder se justifica em grande medida pela sua missão evangelizadora.

Camilla Ferreira Paulino da Silva, doutorado (SEDU)

#### Análise do *éthos* de Otávio na série *Rome* (HBO, 2005-2007)

O presente trabalho compõe o quadro conhecido dentro dos Estudos Clássicos como uma análise de recepção, ou seja, um estudo que, como Martindale (2006, p. 1.-2) apresenta, interliga o mundo antigo e outros períodos históricos, mostrando que os discursos antigos não ficam circunscritos em seu próprio tempo, havendo uma cadeia complexa de conexões entre eles e os mais diversos meios de difusão, entre eles a televisão, como é o nosso caso. Nesse processo, salienta-se que as relações entre os enunciados antigos e suas apropriações posteriores são produzidas no ponto de recepção, sendo o leitor essencial no processo interpretativo. Em nossa apresentação, faremos a análise da personagem Otávio, na série *Rome*, da HBO, buscando evidenciar a aplicação do *éthos* proposto para a personagem, o de um garoto inteligente, prodígio, demonstrando que este se trata de um elemento já utilizado na tradição literária da Antiguidade para compor a imagem do futuro *princeps*. Para tal, usaremos o conceito de capital cultural, de Bourdieu, para argumentar sobre o processo de criação da série, e também lançaremos mão de alguns textos antigos, como as *Filípicas*, de Cícero, e a *Vida de Augusto*, de Suetônio.

Carolline da Silva Soares, doutorado (Ufes)

#### Entre manuscritos e impressos do *Corpus Cypriani*.

##### a recepção das obras de Cipriano de Cartago e suas possibilidades de pesquisa

A produção literária de Cipriano é vasta, sobretudo se consideramos o breve período em que ocupou o episcopado de Cartago (249-258). O *corpus Cypriani* abarca 81 cartas e 13 tratados de extensão, proveniência e conteúdo muito diversos. Algumas cartas se perderam, e, provavelmente, alguns de seus sermões também. Cipriano foi um líder eclesiástico eminentemente de ação, como demonstra sua intensa correspondência. Considerados em conjunto e tendo em conta o conteúdo e a forma, Cipriano possui 13 tratados autênticos, que podem ser repartidos em pelo menos três grupos: apologéticos, disciplinares e sermões e exortações pastorais. Em relação às *Epistulae Cypriani*, a ordem adotada nas edições modernas é, em linhas gerais, de natureza cronológica. A correspondência de Cipriano é abundante e nos traz informações valiosas sobre a

organização da Igreja, a disciplina eclesiástica, os fundamentos de doutrina e a liturgia. As *Epistulae* nos informam, sobretudo, acerca do cotidiano de um bispo influente numa das províncias mais importantes do Império Romano em meados do século III d.C. A preeminência da igreja de Cartago, os impasses da atividade pastoral, a cronologia dos concílios, sua periodicidade e os temas neles discutidos, entre outros assuntos, são aspectos que as obras de Cipriano nos permitem conhecer com riqueza de detalhes.

Daniela Brinati Furtado, mestrado em andamento (UFJF)

### O ser e o *lógos* no *Tratado do não-ser* de Górgias de Leontini

O objetivo do presente trabalho é apresentar uma reflexão sobre a filosofia parmenídica acerca do ser e em que medida esta pode ter viabilizado o pensamento de Górgias desenvolvido no *Tratado do não-ser*. Em seu tratado, Górgias apresenta a hipótese de que as coisas externas ao discurso [*lógos*] não são traduzíveis em palavras, portanto não são comunicáveis. Ao fazê-lo, o sofista impede que qualquer discurso fale fielmente da realidade, atitude a qual inviabiliza o *Poema* de Parmênides de realmente tratar do ser. Feito isso, Górgias dá ao nosso conhecimento apenas acesso ao discurso [*lógos*], o qual receberá o poder de atribuir sentido à realidade que será um constante fluxo de discursos pontuais. E, ao refletirmos sobre a questão do sofista, nos perguntaremos se o ser parmenídico – na medida em que este é confundido com o pensamento no *Poema* – possivelmente abriu espaço para os postulados gorgianos.

Diogo Moraes Leite, mestre (Usp)

### Peludos e depilados: masculinidades romanas em Marcial e Juvenal

Marcos Valério Marcial, epigramatista latino do século I de nossa era, e Décimo Júnio Juvenal, satirista de fins do século I e início do II, criticaram mordazmente os costumes de sua época. A historiografia sobre virilidade romana aponta para a existência de um modelo idealizado de masculinidade, inspirado nos romanos de tempos anteriores, como Mârio Cúrio Dentato (século III a.C.) e Marco Fúrio Camilo (século IV a.C.). Os dois poetas compartilham, algumas tópicas e alguns pontos de vista sobre a sociedade romana, fundamentados nos mesmos princípios morais da aristocracia. Neste trabalho, apresentaremos os primeiros versos da Sátira II de Juvenal e alguns epigramas de Marcial que têm como tópica indivíduos que, embora efeminados, se apresentam como esses austeros romanos de masculinidade exemplar.

Dionatan Acosta Tissot, doutorado em andamento (Usp)

### Aristóteles e Alexandre de Afrodísias: voluntariedade, escolha deliberada e aquilo que está em nosso poder

As noções de voluntariedade e escolha deliberada estão no centro da teoria aristotélica da ação. Para Aristóteles, para que elogiemos ou censuremos um agente por uma ação, esse agente deve tê-la realizado voluntariamente (*hekôn*). A voluntariedade, então, torna-se condição de possibilidade para a responsabilidade moral. Entretanto, é a escolha deliberada (*proairesis*) que guia a ação que melhor revela o caráter (*êthos*) desse agente, pois é na escolha deliberada que o agente revela sua concepção de bem. Escolhemos deliberadamente apenas o que está em nosso poder (*eph' hêmin*) fazer ou não fazer. As noções de *hekôn*, *proairesis* e *eph' hêmin* serão recebidas, absorvidas e ressignificadas pelas escolas filosóficas do período helenístico e imperial e pelo pensamento cristão alvorecente. Nesse processo, a obra do peripatético Alexandre de Afrodísias (II-III d.C.) reveste-se de particular importância. Em especial no *De Fato* e no *Mantissa*, Alexandre ataca a filosofia moral determinista estoica usando como apoio a teoria aristotélica da ação, ataque para o qual as três noções mencionadas constituem as principais peças de artilharia. O presente trabalho visa averiguar o quê de propriamente aristotélico e o quê de reformulação alexandrina está em questão no uso dessas noções na obra de Alexandre.

Edinaura Linhares Ferreira Lima, mestrado em andamento (UFC)

#### Mulheres Travestidas: do Parlamento de Aristófanes ao Sertão das Gerais de Rosa

O presente trabalho tem como objetivo discutir o processo de travestimento de personagens femininas em masculinas a partir de um diálogo intertextual entre a comédia *As mulheres no parlamento* (393-392 a.C.), de Aristófanes, e o romance *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa. Estas obras, apesar de terem sido produzidas em períodos distintos, trazem à tona a questão do travestimento do feminino em masculino como um recurso utilizado por essas personagens na tentativa de serem ouvidas e até mesmo aceitas dentro de um espaço social, político e cultural exclusivamente reservado a homens. Enquanto na comédia aristofânica observamos a busca da mulher por um lugar e direito de fala dentro das assembleias da cidade, percebemos, no romance de Rosa, uma busca similar, mas agora voltada para o lugar dessa mulher como jagunço no sertão das Gerais. Ou seja, em ambas as obras, essas personagens se travestiam como homens para serem aceitas, ouvidas e ocuparem espaços que elas também tinham direito de estar e em suas ações refletiram sobre as sociedades como um todo. Portanto, nosso trabalho reflete sobre esse lugar do feminino dentro desses dois contextos, um antigo e outro contemporâneo, separados temporalmente por séculos, mas que ainda dialogam fortemente.

Etiene Martins Lage Duarte, graduação em andamento (Ufop)

#### *Vt pictura amores*: a imagem de Eros e sua emulação entre os pintores humanistas

O presente trabalho dedica-se a dois momentos distintos: a) breve apresentação da figura ambígua e inconstante de Eros, “o doce-amargo”, como motivo amoroso desde Safo e sua presença posterior entre os poetas romanos, especialmente os elegíacos; e b) a recepção da divindade nas artes figurativas dos meios humanistas, em que sua *imago*, em linhas gerais,

como Eros “triunfante”, assume estatuto de subgênero da pintura. A presente comunicação, pois, tem como fim demonstrar que a representação de Eros, de “doce-amargo” às imagens de natureza militar forjadas no interior da elegia romana, em que o poeta é vítima cativa e ferida pelas flechas do filho de Vênus – *seruitium amoris* e *militia amoris* –, de tópica da poesia converte-se em topos da pintura na medida em que os artífices do período, conscientes da emulação que perfaziam, plasmavam na tela o *topos* poético, o que por seu turno põe em evidência as homologias já bem conhecidas desde tempo antigo entre poesia e pintura, entre discurso e imagem.

Fabrizia Nicoli Dias, graduação em andamento (Ufes)

#### O clássico no clássico: recepção e intertexto entre *Heroides* e *Metamorfoses* de Ovídio

Ecoando nos estudos de Recepção dos Clássicos, o princípio de protagonismo do leitor das teorias em estética da recepção aos poucos desmantela a legitimidade de uma leitura restritiva do material clássico ao momento de sua produção, inaugurando a possibilidade de múltiplas leituras e, portanto, diversas recepções das obras clássicas. Nesse sentido, configura-se como um tipo específico de recepção a forma pela qual uma obra clássica é repensada em outro material também clássico. Ao manipular passagens nas *Metamorfoses* (2-8 d.C.) em diálogo com trechos das *Heroides* (20 a.C.-2 d.C.), o escritor latino Públio Ovídio Nasão, autor de ambas as obras, desempenha um processo de recepção de sua própria composição. A fim de o examinar, são apresentados, primeiramente, conceitos relacionados à Recepção dos Clássicos, bem como aos estudos de Intertextualidade e, posteriormente, identificados os diálogos existentes entre excertos das obras ovidianas, para evidenciar os efeitos por eles desencadeados que, em sua maior parte, vinculam-se à dissolução do estatuto heroico das personagens centrais dos ciclos épicos tradicionais.

Fernanda Scopel Falcão, doutorado (Ufes)

#### Retórica clássica, arte poética medieval e sátira trovadoresca em diálogo: *poetriae* para um entençar

Estuda tratados latino-medievais de *ars poetria* em comparação com a Retórica clássica, para identificar expedientes poético-retóricos que foram referendados pelos tratadistas analisados e apreciados pelos poetas do Medievo europeu e peninsular e que, dada sua valorização e difusão, influíram na *ars* trovadoresca e nas composições galego-portuguesas, com foco nas cantigas satíricas e dialogadas.

Flávia Araripe, graduação em andamento (UFF)

#### *Samson Agonistes*: as correntes que prendem um mito

A mitologia e os gêneros poéticos da Antiguidade Clássica desempenharam um importante papel na história da cultura ocidental, deixando marcas nas obras de grandes nomes da literatura. John Milton (1608-1674), poeta e pensador inglês, autor do célebre *Paraíso Perdido*, faz parte do repertório de autores influenciados também pelas técnicas poéticas da Antiguidade. Entre as obras de Milton menos conhecidas e estudadas, embora de grande relevância, aparece a tragédia *Samson Agonistes*, que dramatiza a história bíblica de Sansão e Dalila (*Livro dos Juízes*, 13-16) na forma de uma tragédia clássica grega, a partir, principalmente, da peça *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo. Milton combina, assim, o mito hebraico de Sansão com o mito grego de Prometeu, alterando a forma e o conteúdo de ambos. Nessa comunicação, pretendo apresentar as linhas gerais do meu projeto de pesquisa de iniciação científica que tenciona realizar um estudo comparativo da obra *Samson Agonistes* e a tragédia esquiliana *Prometeu Acorrentado* com o objetivo de destacar quais seriam então os elementos constitutivos do mito de Prometeu que persistem como mitemas, ou seja, como unidades essenciais que, de certa forma, definem o mito. Esse projeto se apoiará, principalmente, nas ideias de Barthes (2001 [1957]) e Lévi-Strauss (2012 [1958]) acerca do compartilhamento de elementos culturais e simbólicos entre sociedades que se encontram em diferentes espaços e tempos.

Francisca Tânia Almeida Colares, mestre (UECE)

#### A tradução da *Eneida* de Carlos Alberto Nunes na perspectiva da linguagem poética

O poeta, crítico e tradutor Haroldo de Campos (1929-2003) julga a tradução da *Ilíada* de Carlos Alberto Nunes (1897-1990) pelo aspecto da linguagem: não é um empreendimento voltado para soluções novas e não tem estampa da modernidade. Diante da impossibilidade de traduzir poesia, Campos defende a recriação como possibilidade de reconfigurar o plano de expressão e do conteúdo de uma língua fonte para uma língua alvo. Com isso, pretendemos neste trabalho (1) justificar a opinião de Campos sobre a tradução de Nunes, partindo de sua influência concretista e defesa da reformulação poética no Brasil; (2) refutar parcialmente a opinião de Campos a partir do estudo dos trechos *Aen.* 2.3-68 e *Aen.* 2.199-227. Com o estudo dos trechos da *Eneida* identificamos que Nunes trabalha a linguagem em alguns momentos, mas não se dedica a esta micrologicamente, como defende Campos. Provavelmente o hexâmetro datílico forjado por Nunes em língua portuguesa conduziu sua tradução, não exatamente por ser longo, mas por ser rígido.

Gabriele Oliveira Rodrigues, graduação em andamento (UFRJ)

#### *Medea Fracta*. gêneros literários na tragédia *Medeia* de Sêneca

A presente pesquisa procura identificar e elencar os diferentes gêneros literários que aparecem na tragédia *Medeia* de Sêneca, bem como seus possíveis efeitos na narrativa, de modo que ao final seja possível denotar um *continuum* de ocorrências dos gêneros. Para isso, procura-se encontrar na obra elementos que sejam indicadores significativos de marcas

genéricas, ou seja, tópicas ou funções específicas que são veiculadas pelos gêneros literários. Considera-se que essas mesmas funções podem influenciar, ou mesmo determinar, uma série de aspectos de forma e conteúdo, além de características formais e temáticas dos textos. A partir do reconhecimento dos gêneros que se diferem da tragédia, busca-se indicá-los como subgêneros literários presentes na obra, e também os possíveis efeitos provocados nos leitores e espectadores por meio de seu emprego. Com isso, é possível alcançar uma leitura mais detalhada da peça e buscar uma aproximação ao entendimento de Sêneca do que seria o gênero trágico em sua época.

Glaydson José da Silva, doutorado (Unifesp)

**“Nos Ancêtres les Gaulois”: da construção do adágio republicano à instrumentalização da história da Gália e dos gauleses pela extrema direita francesa**

O título desta conferência é bem representativo do conteúdo que nela pretendo abordar, ainda que não considere suas importantes limitações. Objetivo, despretensiosamente (e digo isso levando em conta o grande número de pesquisas acadêmicas sobre a história da Gália, dos gauleses e de sua constituição fundante da identidade francesa em diferentes temporalidades), delinear as principais configurações que assumiu o mito gaulês na França desde a Revolução Francesa até sua capitalização, em benefício da extrema direita, por diferentes grupos de radicalização política nas últimas décadas. Como estudo de caso e a título de ilustração tratarei da revista *Terre et Peuple*, um periódico ligado à extrema-direita universitária francesa e que tem alcançado relativa capilaridade em território europeu. O enfoque consistirá em abordar o que o grupo designa como “Guerra étnica”, ao referir-se às interações entre os imigrantes e seus descendentes na França e aqueles que por ele são entendidos como “verdadeiros” franceses, pela origem. A história da Antiguidade, grosso modo, e da Gália, mais particularmente, é o grande pano de fundo das argumentações utilizadas por *Terre et Peuple* na defesa de seus pressupostos, facilmente identificados como de fundamentação neonazista, neofascista. A título de exemplo, minha análise incidirá, sobretudo, nas publicações das duas primeiras décadas do periódico, focando na interpretação que oferecem de dados históricos e arqueológicos relacionados à história da Gália e dos gauleses.

Gustavo Luiz Nunes Borghi, doutorado em andamento (Usp)

***A Crisis Segunda do Criticón* (1651) e *El gran teatro del mundo* (1655):  
o *Theatrum mundi* na novela de Gracián e no auto sacramental de Calderón**

Em diversas passagens da primeira parte do *Criticón*, de Baltasar Gracián (*Crisis Segunda, Sexta, Séptima e Dezimaterciã*), encontramos a tópica do *theatrum mundi*. Nos diálogos travados entre Andrenio e Critilo, personagens da narrativa do jesuíta espanhol, a metáfora do teatro é levantada para apresentar as principais noções do mundo: a hierarquia dos seres, suas definições e funções. Também o faz Calderón no auto, quando o Mundo, personagem da peça, tece uma longa definição sobre

a disposição dos seres. No transcorrer dos séculos XVI e XVII, consolida-se nos reinos da Península Ibérica contrarreformada a tópica do *theatrum mundi*, ou, em tradução livre, o 'teatro do mundo'. Como apontam os estudos de Vilanova (1950), Jean Jacquot (1951) e Ernst Curtius (2016), a tópica foi primeiro utilizada pelos letrados antigos, em especial Luciano de Samósata, e imitada nos séculos posteriores. Nesse sentido, o objetivo de nossa comunicação é levantar as definições da tópica no mundo antigo, em nosso caso nos *Diálogos* de Luciano de Samósata, elencar as imitações feitas nos séculos posteriores, em especial o XV e XVI e, por fim, tendo em vista as disputas religiosas e as concepções de mundo contrarreformadas, analisar como foram empregadas pelos letrados espanhóis do século XVII.

Heloize Moreira Fortunato, graduação em andamento (UFF)

### *Heautontimorumenos*: um prólogo em dodecassílabos

A presente comunicação propõe apresentar uma tradução em dodecassílabos do prólogo da peça *Heautontimorumenos* (*O Auto-Punidor*), do comediógrafo latino Terêncio (195/185-159 a.C.). Até onde sabemos, a única tradução em versos desta peça em língua portuguesa foi realizada por Leonel da Costa Lusitano no século XVII em versos decassílabos. Seguimos o conceito de Walter Benjamin em *Die Aufgabe des Übersetzers* (1923) acerca da necessidade de renovação da tradução e propomos aqui uma nova tradução em versos. Utilizando as ideias de Schleiermacher em *Sobre os diferentes métodos de traduzir* (1813) pensamos, dentro de nossa proposta tradutória, nossas escolhas que ora levam a um afastamento, ora a uma aproximação entre texto e leitor. Partimos, também, do conceito de hierarquização de conteúdos presente no livro *A Tradução Literária* (2012) de Paulo Henriques Britto, pensando a necessidade de elencar os elementos prioritários na tradução em verso, de modo a recriar, ou não, determinados efeitos que possam ser mais ou menos relevantes na proposta de tradução daqueles versos. Este trabalho é fruto do nosso atual projeto de IC (PIBIC/UFF) e está relacionado às atividades do Núcleo de Tradução e Criação (ntc/UFF) e do Laboratório de Estudos Clássicos (LEC/UFF).

Juliana Bastos Marques, doutorado (Unirio)

### Pastiche clássico e feminismo pós-moderno em *Xena, a Princesa Guerreira*

Neste texto, pretendo explorar as alusões do mundo antigo apresentadas na série de TV *Xena, a Princesa Guerreira* (1995-2001), como um pastiche que inclui tanto referências muito específicas a autores clássicos e fatos históricos quanto uma abordagem pós-moderna para seu público, que inclui elementos da cultura contemporânea e um pioneiro empoderamento feminista de heroínas. No entanto, este mesmo pastiche, sendo a essência do espetáculo, ainda possui um arco cronológico, que se inicia a partir do final da Idade do Bronze, na primeira temporada, até o início da Idade Média, na sexta e última, incluindo uma referência central e velada para o advento e consolidação do cristianismo como a pedra angular para a

mudança e fim da Antiguidade. Nesse sentido, Xena reflete tanto os entendimentos populares tradicionais do mundo antigo quanto a subversão de seus papéis sociais que influenciam e dialogam com as mudanças culturais no início do século XXI.

Júlio César Vitorino, doutorado (UFMG)

#### Recepção e atualização do texto antigo: Leonardo e o homem vitruviano

Ainda que não exista um estudo estatístico específico sobre o tema, não é temerário afirmar que o *Homem Vitruviano* seja, talvez, o texto clássico mais divulgado de todos os tempos, principalmente a partir da versão desenhada *ipsis litteris* por Leonardo da Vinci. Nenhum texto de Homero ou de Virgílio é tão conhecido como o parágrafo vitruviano atualizado na imagem do renascentista. Reproduzida em todas as circunstâncias imagináveis, tornou-se um ícone da era da publicidade. O trabalho pretende discutir a gênese do texto antigo, a sua recepção medieval e moderna e, a partir daí, o amplo sucesso da sua circulação na nossa época, na qual, paradoxalmente, materializa o próprio espírito da obra de Vitruvius e seu principal legado para nós que vivemos em um mundo em que a técnica, materializada na geometrização das proporções e nos membros do corpo transformados em números, tem presença forte, mas acima de todo tecnicismo está o humanismo peculiar do autor: é o homem que ocupa o centro do quadro.

Julio Morguetti Neto, mestrado em andamento (Ufes)

#### O republicanismo clássico na formação de uma Cultura Política na Revolução Americana (1775-1783): possibilidades e perspectivas de abordagem

A Revolução Americana é um processo histórico multifacetado, possuindo diferentes vozes em disputa pela legitimação de um discurso histórico e identitário. Compreender os elementos que o compõe, principalmente as origens do pensamento republicano, é um exercício válido para melhor entendermos a nossa própria contemporaneidade. Os *pais fundadores* eram homens cultos e letrados na cultura clássica ocidental, especialmente de origem grega e romana, e essa formação serviria como arcabouço para a formulação de uma identidade política e cultural identificada com os colonos americanos e o próprio sentimento revolucionário (RICHARD, 1995, p. 10). Nesse trabalho nos propomos a apresentar como as influências latinas e helênicas foram, também, parte fundamental na formulação de uma identidade política americana, não simples ornamentos desgarrados e sem impacto no debate revolucionário (WOOD, 1969, p. 49).

Kátia Regina Giesen, doutorado em andamento (Ufes)

#### A recepção da *gratiarum actio* de Plínio pelo panegírico de Pacato Drepanio como forma de consolidação de um gênero laudatório imperial

A comunicação propõe examinar a recepção do texto da *gratiarum actio* de Plínio a Trajano no panegírico a Teodósio, de Pacato Drepânio, com o objetivo de demonstrar como o diálogo entre esses textos participa do processo de constituição de um gênero laudatório próprio do período imperial, o panegírico latino. Como primeiro texto da coleção composta por outros onze panegíricos e o mais antigo dentre eles, o discurso de Plínio é considerado modelar para os demais e representa um novo tipo de oratória para Roma, não apenas por seu contexto de realização, na presença do *princeps*, mas por seu caráter simultaneamente elogioso e aconselhador. Com a metade da extensão do texto pliniano, o discurso de Pacato apresenta uma estrutura argumentativa, tanto na ordem e tipos dos argumentos, quanto nas figuras utilizadas, quase completamente análoga ao seu predecessor. Se, como afirma Cícero (*Brut.* 163), a doutrina oratória pode ser extraída não apenas dos tratados, mas também dos discursos deixados por um orador, a imitação estrutural, temática e estilística feita por Pacato confirma a prática pliniana como principal registro de uma concepção latina sobre o elogio à época imperial que se consolida a partir do séc. II.

Laila Lua Pissinati, mestrado em andamento (Ufes)

#### Algumas considerações acerca da recepção de Aristóteles no *De secretis mulierum*

O *De secretis mulierum* é um tratado médico-filosófico situado na virada do século XIII para o século XIV cuja autoria foi atribuída a Alberto Magno. Com uma abordagem médica e mais ainda filosófica, este tratado congrega sobre a reprodução humana prometendo revelar segredos sobre a natureza feminina, como indica seu título. Para isso, o autor se baseia na filosofia natural de Aristóteles fazendo inúmeras referências diretas ao filósofo ao longo de todo o texto. De fato, a filosofia natural de Aristóteles está presente, direta ou indiretamente, em grande parte dos textos da Idade Média que tratam o corpo. Porém, para o autor do *De secretis*, Aristóteles é sua maior autoridade. Assim sendo, esta comunicação pretende levantar a recepção de Aristóteles no *De secretis mulierum*.

Letícia Raiane dos Santos, doutorado em andamento (UFPE)

#### *Argonáutica da cavalaria ou Leomundo de Grécia*, de Tristão Gomes de Castro: um diálogo com a tradição clássica na Literatura Portuguesa

A obra *Leomundo de Grécia*, do autor madeirense Tristão Gomes de Castro, possui uma data de publicação incerta, que varia entre 1599 e 1611. Esta novela, conhecida também pelo epíteto *Argonáutica da Cavalaria*, esteve desaparecida pelos últimos quatro séculos e foi resgatada recentemente pelo filólogo espanhol Aurelio Vargas Días-Toledo, que a encontrou em dois manuscritos conservados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Pertencente ao Ciclo Clássico, este livro possui relações com o poema épico grego antigo *As Argonáuticas*, de Apolônio de Rodes. O novelista português retoma, em seu texto, a partir das aventuras do cavaleiro Leomundo e seus pares, tanto o cenário de conflitos armados na Grécia Antiga quanto a travessia

sobre o mar sobre a nau Argo vivenciadas, originalmente, na tradição clássica, por Jasão e os argonautas. Desta forma interessamo-nos em averiguar como a forma da novela de cavalaria comporta e transforma temáticas originárias da referida obra grega.

Lívia Mendes Pereira, doutorado em andamento (Unicamp)

#### O *Satyricon* de Petrônio traduzido para o português do Brasil: Uma análise das notas do tradutor

No presente trabalho serão analisados trechos de traduções vertidas para o português do Brasil: de Sandra Braga Bianchet (2004); de Cláudio Aquati (2008); de Paulo Leminski (1985), da obra latina, *Satyricon*, de Petrônio. Ao refletir que a tradução, assim como o original, estão abertos ao interdiscurso, produzindo diversos sentidos para um mesmo texto, retomarei a definição de “função tradutor”, discutida por Solange Mittmann (1999), na qual o tradutor busca criar a “ilusão” de que quem fala no texto da tradução é o autor do original. Para a autora, há um distanciamento entre as duas vozes nas notas do tradutor, esse afastamento cria a ilusão de que quem fala no texto “tradução” é o autor e que quem fala no texto “notas do tradutor” é somente o tradutor. Nesta análise, considerarei a tradução como realização de uma possibilidade de dizer oferecida pelo interdiscurso e por suas condições de produção. Pretendo destacar a tradução realizada por Paulo Leminski, em que o tradutor ao invés de procurar criar uma ilusão de transparência, retoma a opacidade do texto de partida no texto de chegada, diferentemente das traduções de caráter filológico, que buscam criar uma ilusão de transparência total em todo o texto traduzido.

Lorena Lopes da Costa, doutorado (Ufopa)

#### Homens da raça de ferro no sertão de João Guimarães Rosa

Nesta apresentação, apresentarei o diálogo que a obra de João Guimarães Rosa estabelece entre seus jagunços e a tradição grega. Para tanto, buscarei discutir de que maneira a caracterização de alguns dos guerreiros do sertão, especialmente Hermógenes e Diadorim, pode não somente nos fazer encontrar Homero no sertão, como atualizar nesse mesmo ambiente a linhagem de ferro de *Trabalhos e Dias* de Hesíodo, explorando a maneira como a tradição se mantém viva. Faz-se, para tanto, uma análise textual desses personagens em *Grande Sertão: Veredas* (1956) bem como dos homens da raça de ferro na poesia hesiódica.

Luiza Helena Rodrigues de Abreu Carvalho, doutorado em andamento (Ufes)

#### A insônia como tema nas silvas de Estácio (*Silu.* 5.4) e Quevedo (*Silva Segunda*)

As silvas de Estácio são poesia lírica elogiosa de ocasião do autor romano, redescobertas no século XV e emulada por autores posteriores os quais mantiveram e modificaram algumas características dos poemas estacianos. A partir do conceito de Recepção dos Clássicos (MARTINDALE, 1993) e Intertextualidade (CONTE & BARCHIESI, 2010), identificaremos nessa comunicação permanência da temática da insônia como circunstância para a produção poética, buscando apresentar as especificidades da *Silva* 5.4 que foram igualmente trabalhadas ou silenciadas na *Silva Segunda* de Francisco de Quevedo, escritor de silvas na Espanha do Século de Ouro.

Manuela Maria Campos Sales, mestrado em andamento (UFC)

#### Tradução de *A Paz* de Aristófanes do grego clássico para o cearense matuto

Trigueu, um velho lavrador de Atenas, resolve ir ao céu montado em um escaravelho para resolver o problema da guerra que assola a Grécia. Hermes, o único deus que se encontra no Olimpo, decide atender o pobre agricultor. A Guerra, então, personificada, aparece disposta a destruir a Grécia. Trigueu convoca o povo grego para salvar a Paz, que está presa em uma caverna. Atenienses e Gregos de um modo geral se unem, mas não conseguem remover as pedras que obstruem a porta da caverna. Hermes percebe que há entre o povo grego alguns que não se esforçam em libertar a Paz; como os que mais sofrem com a guerra e por essa razão desejam a paz são os agricultores, estes são incentivados a se unirem e sozinhos conseguem libertar a Paz. É nesse clima que o GECA (Grupo de Estudos da Comédia Aristofânica) se reuniu para verter a peça *A Paz*, de Aristófanes, encenada em 421 a.C., primeiramente para o português do Brasil, e em seguida, para uma linguagem matuta cearense.

Marihá Barbosa e Castro, doutorado em andamento (Ufes)

#### *Libertas* nas sátiras de Pérsio e Horácio

O diálogo presente nas *Saturae* de Pérsio com a tradição satírica que o antecede se desenvolve, sobretudo, através da utilização de tópicos recorrentes tanto em Lucílio como em Horácio. A presença de Horácio na obra de Pérsio é abundante: o satirista neroniano ora se aproxima, ora se afasta diametralmente de seu predecessor augustano, promovendo uma deformação do modelo e estabelecendo um novo programa satírico. Nosso objetivo é analisar um dos tópicos da sátira horaciana retomados por Pérsio: a *libertas*. Concluímos que ambos os satiristas utilizam Lucílio como ponto de referência e contraste de um tempo em que não era preciso temer a censura e a retaliação. Entretanto, Pérsio adiciona à questão colocada por Horácio uma visão estoica de liberdade.

Marina Dornelles Ferreira, graduação em andamento (Ufop)

### O estilo de Ésquilo e Eurípides representado nas traduções das *Rãs* de Aristófanes

Esta comunicação tem como objetivo discutir como o estilo dos poetas trágicos Ésquilo e Eurípides é representado em diferentes traduções em português da comédia *Rãs* do poeta grego Aristófanes. A partir da disputa pelo trono da tragédia presente no *agón* da peça, é possível observar que Aristófanes traça um modelo de poesia trágica a ser seguida e digna de retornar ao mundo dos vivos, no caso, a do Ésquilo. Em função disso, nosso propósito é analisar nas traduções em português de Junito Brandão (1957), Mário da Gama Kury (2000), Trajano Vieira (2014) e Tadeu Bruno Andrade (2014) se, ao longo do tempo, as escolhas lexicais dos tradutores afetaram, ou não, a percepção de como o poeta cômico representa o estilo e as peças de Ésquilo e Eurípides.

Marly de Bari Matos, doutorado (Usp)

### A concepção e a recepção do modelo tradutológico de Cícero

O título revela muito sobre o objetivo desta comunicação, pois fala tanto sobre o modo como Marco Túlio concebia tradução, por meio de suas afirmações em sua obra e, especificamente, no opúsculo *De optimo genere oratorum*, quanto sobre a maneira como ele descreve os critérios de tradução e a tarefa tradutológica em si, revelando-os como resultado do conhecimento adquirido pelo aluno nas aulas de gramática e retórica. A fusão da matéria (tradução) determinada para cada uma dessas disciplinas do programa das escolas secundária e superior revela uma ligação estrutural entre elas na sua origem e no resultado da tradução. De fato, os critérios de literalidade e interpretação usados pelos tradutores relacionam-se com o emprego da língua, mas, sobretudo, com a concepção que se tem dela. Nesse sentido, pode-se ainda discutir como se distinguem os estilos asianista e aticista bem como argumentar por que as obras de cultores do estilo ciceroniano, como Plínio o Jovem, não foram mera cópia da produção do Arpinate. Assim, nesta comunicação, pretende-se discutir como a tradução se constituiu um ofício construído sob a responsabilidade do *grammaticus* e do *rhetor* e como entender como a concepção ciceroniana de tradução foi considerada e adotada pelos pósteros.

Matheus Vargas de Souza, mestrado em andamento (Unirio)

### “As Musas de Heródoto foram o *Ramayana* da Hélade”: o helenismo de Friedrich Max Müller

À medida que os temas desta Jornada de Estudos Clássicos são a tradução e a recepção, parece bastante relevante trazer para a discussão uma figura tão prolífica nos estudos relativos à cultura indiana como Max Müller. É bem verdade que o autor em questão foi o responsável pela divulgação de dezenas de textos em sânscrito, bem como pela cristalização de

determinadas visões a respeito da cultura indiana da Antiguidade e, por esta razão, não parece muito pertinente a uma Jornada de Estudos Clássicos, ao menos imediatamente. Esperamos mostrar, no entanto, que foi, entre outras coisas, através da recepção dos clássicos que Müller estabeleceu suas interpretações a respeito da Índia Antiga e, através das quais, empenhou-se em divulgar traduções dos textos indianos para o Ocidente europeu do século XIX. Para nosso objetivo, nos limitaremos a discutir as ideias apresentadas por Müller em um de seus textos que mais dialogam com a cultura clássica, no qual ele evidencia muitas das ideias que acompanharam toda sua produção e a de seus seguidores.

Mônica Costa Vitorino, doutorado (UFMG)

#### Aspectos da presença ovidiana na Idade Média

É ponto pacífico que a repercussão de Ovídio na cultura ocidental, tanto no campo literário quanto no âmbito das artes plásticas foi imensa. O trabalho pretende abordar aspectos da recepção da *Ars amatoria* na Idade Média, as formas como elementos do poema foram apropriadas e adotadas no novo contexto histórico medieval. Não se pretende analisar a vasta influência ovidiana na literatura dessa época, visto que esse viés já foi exaustivamente estudado por inúmeros especialistas, em várias línguas, e sobre o qual há grande produção bibliográfica disponível em papel e em meios eletrônicos.

Natan Henrique Taveira Baptista, doutorado em andamento (Ufes)

#### Nem bronze, nem mármore: a imortalidade do monumento poético como estratégia encomiástica na lírica tardo-arcaica grega e imperial romana

Estácio, poeta imperial flaviano, em sua composição lírica, cria um *éthos* de si com posição-chave na sociedade romana: é o escritor do passado e do mito, elevado à posição de guardião e repositório da memória cultural coletiva de seu tempo, cabendo a ele elaborá-la e preservá-la para a posteridade. Ele, como outrora fora seu pai, atua como educador que deve transmitir para as gerações mais jovens a memória dos *mores et facta* de seus antecessores (*Silu.* 5.3.146-148). Insere-se, dessa forma, em uma tradição de autoconsciência poética que recupera intimamente Horácio (*Carm.* 3.30.1-5; 14-16). Os nós dessa cadeia intertextual podem ainda retomar Simônides e Píndaro, na Hélade tardo-arcaica, expoentes da poesia encomiástica do período Helenístico. Assim, esta comunicação busca conjugar evidências na lírica desses quatro poetas para que possa interpretar a permanência do argumento artístico que eleva o monumento poético como repositório mais perene do elogio a despeito da materialidade das esculturas em bronze ou mármore.

Orlando Luiz de Araújo, doutorado (UFC)

#### Da Grécia ao Brasil: Medeia (re)conta sua História

Em *Memórias do mar aberto: Medeia conta sua história* (1997), da dramaturga brasileira Consuelo de Castro, a personagem Medeia, arrebatada pela paixão, vocifera contra Jasão silencioso e indiferente. Seu discurso se assenta na (de)negação do abandono pelo amado. Ferida, Medeia se recusa a aceitar sua dor. Antes amado, no presente, o objeto do seu amor passa a ser odiado. Quando estava presente, era querido, agora ausente, trona-se a prova de abandono de um sujeito que ela ainda ama. Jasão, o amado, focalizado pelo olhar de Medeia, se inscreve na dialética do partir e do chegar, dialética que aparta o amante do amado e divide os espaços. O outro, diz-nos Barthes (2003), vive em eterno estado de partida. Só há ausência do outro, porque há um que fica e, em geral, quem fica ainda ama. É a partir dessa formulação que discutiremos, nesta comunicação, o mito de Medeia, representado pelo dramaturgo grego Eurípides, e sua recepção, na dramaturgia de Consuelo de Castro. Nossa análise incidirá, especialmente, no modo como Eurípides apresenta o amante/amado inserido no espaço – que é, antes de tudo, (in)familiar –, e como Consuelo de Castro reconfigura este espaço no teatro brasileiro do século XX.

Paulo Henrique Oliveira de Lima, doutorado em andamento (Usp)

#### As influências da poesia pastoral nas *Dionisiacas* de Nono de Panópolis

As *Dionisiacas* são o maior poema épico preservado em língua grega. Composto por Nono, poeta da cidade de Panópolis, no século V d.C., o poema é formado por 48 cantos e aproximadamente 20000 versos sobre o ciclo de Dioniso. Por ser uma epopeia, as *Dionisiacas* serão sempre equiparadas aos poemas homéricos, referência no gênero. Todavia, apesar de Nono compor dentro de uma estrutura pré-definida do gênero, ele a transforma, criando uma nova obra que combina o tradicional e o novo e inesperado. A variedade é a grande matriz da poesia de Nono, misturando gêneros e estilos literários gregos em seu colossal poema. Os gêneros tradicionais buscam realizar diferentes papéis dentro do poema, contendo uma variedade de referências e aplicações da tradição literária, através de elementos decorativos individuais que evocam um gênero, através de passagens encaixadas dentro de um critério. A bucólica pastoral é um dos principais gêneros experimentados por Nono em sua composição. Muitas referências podem ser encontradas, como a atmosfera bucólica e suas motivações como o amor, a música, o *ágon*, entre outros. Esta apresentação busca apresentar os elementos bucólicos presentes na poesia de Teócrito que foram incorporados nas *Dionisiacas*, que auxiliaram Nono a compor seu colossal poema.

Rafael Nogueira de Carvalho Frate, doutorado em andamento (Usp)

#### Horácio na aurora da literatura russa

No decorrer de todo o século XVIII, período fundador não somente da literatura, mas também da língua russa, a imitação dos clássicos da Antiguidade teve papel preponderante. Principalmente pela via francesa com suas traduções e imitações, as grandes autoridades poéticas do passado foram determinantes no estabelecimento de uma literatura vernacular pelos seus nomes mais importantes. De Kantemir, Trediakóvski, Lomonóssov, Sumarókov, os grandes nomes da primeira geração da

poesia russa moderna, bem como seus epígonos, até o grande vicejo do século com Gavrila Derjávín, todos eles traduziram, imitaram e emularam Horácio. O Venusino foi o segundo poeta antigo mais influente no mundo literário russo oitocentista, e seu papel foi determinante no estabelecimento de níveis elocutórios medianos na língua literária que começara a se formar em meados de 1710 com as reformas de Pedro, o Grande. Esta comunicação pretende apresentar algumas traduções do poeta augustano, tecendo algumas considerações sobre seu contexto.

Rafael de Carvalho Matiello Brunhara, doutorado (UFRGS)

#### Tradução e hermenêutica: sobre a organização de uma antologia de poesia arcaica

Pretendo apresentar as perspectivas que nortearam a seleção, organização e tradução dos poemas elegíacos de *Elegia Grega – Uma Antologia de Poesia Arcaica* (no prelo), elaborada em parceria com a Profa. Dra. Giuliana Ragusa (Letras Clássicas – USP). A partir de exemplos extraídos da antologia, mostrarei dois princípios que guiaram o trabalho: a tradução como recurso hermenêutico indissociável do comentário para a compreensão da fragmentária elegia grega e de suas fontes de transmissão e a busca por um equilíbrio entre clareza, precisão conceitual e concisão poética por meio da adoção de um verso sem formalismos.

Rafael Trindade dos Santos, mestre (Ufes)

#### Recepção do ritmo e da função poética do metro clássico: o caso das *Odes e elegias*, de Magalhães de Azeredo

Este trabalho utiliza as *Odes e elegias* (1904), livro de Carlos Magalhães de Azeredo, para exemplificar como os metros da poesia antiga podem ser definidos de forma diversa tanto em relação à sua estrutura formal quanto mesmo à sua função poética. Magalhães de Azeredo foi o mais jovem fundador da Academia Brasileira de Letras e procurou imitar, em seu livro, os versos das *Odi barbare*, de Giosuè Carducci. Ambos experimentaram transpor metros clássicos em seus poemas, escritos em suas línguas vernáculas. Isto, porém, é um problema que exige algum artifício poético como solução. Magalhães de Azeredo, ao justificar seu artifício, revela com isso seu próprio entendimento do que constitui, enfim, um metro clássico; este entendimento, como se pretende demonstrar, não é fixo e se relaciona, por vezes mesmo depende, da função e do significado que os círculos literários atribuem a este metro. A poesia feita no Brasil à época das *Odes e elegias* debatia-se com ansiedades que influenciaram o entendimento do que fosse e de qual seria o uso da métrica clássica, tal como se os metros, por eles mesmos, enunciassem algo que deveria ser traduzido e poderia ser recebido de modos diferentes, a serviço de projetos diferentes.

Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho, doutorado (Ufes)

### Metamorfoses uma vez mais

Leitura de trecho das *Metamorfoses* de Ovídio e sua respectiva tradução poética, apontando para as características formais do original e as soluções encontradas pelo tradutor para responder ao desafio de criar em português um texto convergente tanto com o conteúdo, como com a forma do texto de partida.

Rayana da Costa Teles Barreto, mestrado em andamento (Unicamp)

### *Lector studiose*: o leitor implícito das *Metamorfoses* de Apuleio e seus efeitos

Neste estudo se analisam as imagens e o papel do leitor no romance antigo *Metamorphoses* (*Metamorphoseon*) de Apuleio (125-170? d.C.), também conhecido como *O Asno de Ouro* (*Asinus Aureus*) desde a Antiguidade Tardia. Embora interpretações mais recentes evidenciem a complexidade alusiva do texto apuleiano (HARRISON, 2003), ainda falta uma revisão sistemática do estatuto do leitor que as reconheceria. Pretendemos nesta comunicação considerar as referências explícitas ao leitor, e inferir as capacidades ali pressupostas. Nossa breve análise do texto (por meio de tradução de excertos selecionados) visa perceber, com isso, o papel do leitor nas narrativas sobrepostas, bem como no consequente jogo de espelhamentos que, conforme defendemos, se fazem notar na ficção apuleiana.

Renan de Castro Rodriguez, mestrado em andamento (UFF)

### Os septenários da *Asinária*: uma tradução em versos

O presente trabalho é um recorte de minha pesquisa de mestrado e terá como principal objetivo apresentar uma tradução poética de alguns septenários trocaicos da comédia romana *Asinária*, do comediógrafo *Titus Macius Plautus* (254-184 a.C.), encenada originalmente por volta de 207 a.C. A comédia *palliata*, como se sabe, possuía uma versificação bem variada, e, dentre os muitos tipos de versos, encontramos os septenários trocaicos, que foram os mais utilizados por Plauto, num total aproximado de 47% de todos os seus versos (mais especificamente na peça *Asinária*, encontramos um total aproximado de 41%). Nesta comunicação, pretendo apresentar uma proposta experimental de tradução de algumas passagens da *Asinária* em septenários trocaicos para um verso em português, composto por duas redondilhas maiores, somando de 14 a 18 sílabas. À luz dos estudos de Ezra Pound (2015 [1970]), Haroldo de Campos (2013 [1962]), Roman Jakobson (2007 [1959]), Alvarez (2017, 2018), entre outros, tecerei comentários tradutórios. Esse trabalho está relacionado às atividades do Laboratório de Estudos Clássicos (LEC/UFF) e do Núcleo de Tradução e Criação (ntc/UFF).

Rodrigo Tadeu Gonçalves, doutorado (UFPR)

### Tradução e a instabilidade da recepção

Nesta conferência, pretendo discutir a natureza anti-aristotélica complexa da tradução, bem como diferentes conceitualizações e metáforas que regem o fazer tradutório na Antiguidade e em épocas posteriores, propondo que se possa considerar a tradução como uma modalidade de recepção dos clássicos.

Sonia Aparecida dos Santos, doutorado em andamento (Unicamp)

### *Cantáteis: a poesia nordestina com um pé na elegia latina*

Em um dos versos de *Possessão do ontem*, Jorge Luís Borges afirma que “todo poema é, com o tempo, uma elegia”. É nessa concepção *lato sensu* que muitas vezes modernamente se entende o gênero que em sua origem era definido, sobretudo, por uma questão formal: a presença de dísticos formados por hexâmetros e pentâmetros, sucessivamente, modelo que teve como último representante, em Roma, o poeta Ovídio. Apesar disso, é fato que a elegia atravessou o tempo e o espaço e foi se transformando, reinventando-se e perpassou praticamente toda a produção lírica ocidental, chegando aos nossos dias. Levando em conta essa questão, o presente estudo se dedica à análise de alguns poemas que compõem o livro *Cantáteis: Cantos elegíacos de amozade* do poeta e compositor paraibano Chico Cesar. Em nossa análise, buscaremos perceber de que modo aspectos da elegia amorosa romana, sobretudo a ovidiana, são retomados e remodelados na obra moderna através de alusões à obra *Amores*.